

Ação Direta

Boletim Informativo da Organização Socialista Libertária

ano 1

Nº01

outubro 1986

ELEIÇÕES : A GRANDE FARSA VALE A PENA VER TUDO DE NOVO ?



As problemáticas que a humanidade tem que engolir cotidianamente - opressão, desemprego, miséria, guerras, trabalho alienado, etc. - só podem ser enfrentadas se assumidas em sua dinâmica de conjunto, ou seja, como inerentes ao progresso e à barbárie do capitalismo em escala mundial integrada. Assim, devemos negar toda forma de organização capitalista e baseada na concorrência, na hierarquia e na exclusão, que se reafirmam eleição após eleição. O Estado como modo supremo de organização do capitalismo, tenta oxigenar-se através de mais que manjados processos eleitorais, que servem ao único propósito de fortalecer uma vez mais a democracia burguesa.

Estamos em plena temporada de caça ao voto, políticos bem-falantes, com seus sorrisos largos e gestos paternalistas, armam seu circo onde o único palhaço é o povo. O paraíso na Terra é descaradamente prometido, pelos mesmos que fizeram o inferno dos trabalhadores nos últimos quatro anos. Um paraíso fácil, rápido, como um crediário em duas prestações : primeiro e segundo turno, sem juros.

O eleitor é sempre obrigado a escolher os previamente escolhidos. As cúpulas partidárias se reúnem, ~~seus~~ chefes e chefetes, após muito jabaculé, proclamam : fulano e sicrano são candidatos. E o rebanho já pode ir às urnas, pacificamente, escolher o que lhes foi destinado. A esse jogo procura-se dar uma impressão de escolha da população. Mera

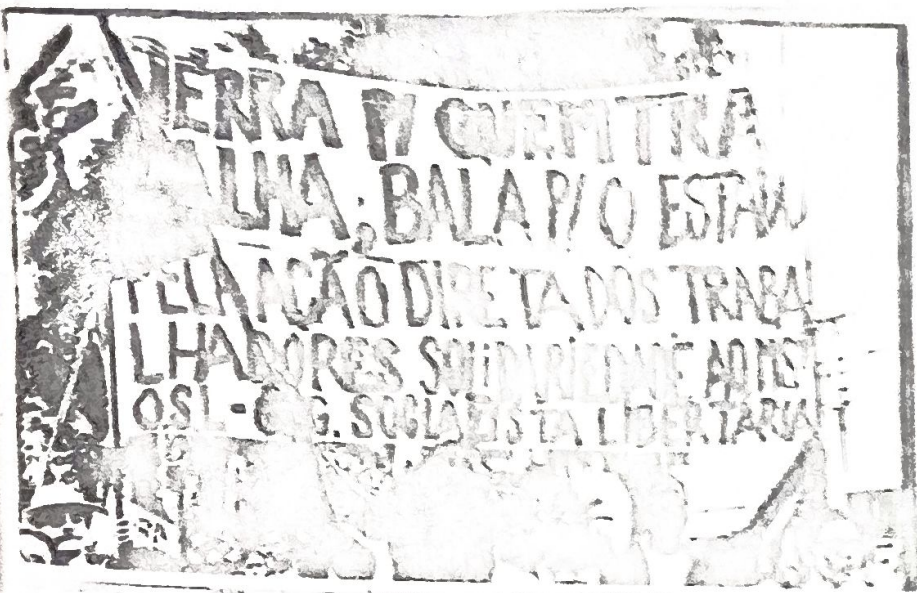
impressão, que todos os jogadores são velhos conhecidos e a fraude é prática inerente a toda eleição democrática.

Para os que vivem modestamente de seus próprios esforços manuais e intelectuais, produzindo para a comunidade : os que estão subjugados por patrões, os que habitam as favelas e as ruas, aqueles que tentam heroicamente sobreviver com um salário mínimo, os que madrugam na fila do INSS, os marginalizados, desempregados, a esses nós ousamos perguntar, PRA QUE SERVE O ATO DE VOTAR ? Em que isso irá modificar suas vidas sofridas, até as próximas eleições? Os candidatos tem o costume de cumprir o prometido? Por acaso alguém já viu isso?

Para nós anarquistas, que repudiamos o sistema parlamentar e o voto, o caminho da luta é outro e deve se desfechar no aqui e agora da sociedade : no bairro, nas Associações de Moradores, no local de trabalho, na escola, na Universidade, na família, etc. Luta que visa criar os grupos de pressão extraparlamentar, luta por Sindicatos Livres, dos partidos e do governo, luta pelas 6h. diárias de trabalho, por cooperativas livres, por meios alternativos de comunicação, pela não obrigatoriedade do voto e do serviço militar, por reforma agrária e habitação decente, através de ocupações diretas. Ou seja, luta por AUTONOMIA E AUTOGESTÃO.

O caminho é a AÇÃO DIRETA dos trabalhadores e estudantes por uma sociedade livre com Democracia Direta e Igualdade.

Por uma construção anarquista brasileira e latino-americana



O Anarquismo em Belém e no Pará tem longa história, que remonta às lutas da cabanagem, em que os militantes anarquistas já tiveram participação importante, ainda que sem uma identidade forte. No início deste século, anos de anarcossindicalismo, existia a Confederação Operária Brasileira e Belém era uma das capitais onde a COB estava mais combativa e bem organizada. Neste momento de força do movimento operário, o país inteiro assistia a greves e mobilizações que aconteciam sob a égide do anarquismo, com grandes conquistas para o operariado.

Em Belém, com a ascensão do fascismo barretista, o movimento operário é duramente reprimido, inclusive com a instalação de campos de concentração, como o de Oiapoque em que foram encarcerados os militantes da COB, entre outros. Com a dureza da repressão a Confederação se desarticula no estado do Pará, e a partir daí há um grande hiato na história do anarquismo paraense.

Já em 1988 é que se rearticulam as discussões em torno do anarquismo, através do MCP (Movimento de Conscientização Popular), um grupo de estudos que começou a aglutinar indivíduos das mais variadas tendências ideológicas, inclusive punks, anarquistas, etc. A partir do MCP surgem o MPA (Movimento Punk Alternativo) e o Núcleo Pró-COB. Este último pretendia reconstruir a Confederação, atuando junto aos trabalhadores e objetivando propagandear as ideias anarcossindicalistas.

Posteriormente, já que nem todos trabalhavam e se encontravam como estudantes, organizou-se a Juventude Libertária, que atuava especificamente no campo estudantil e tinha organicidade própria, sendo autônoma do Núcleo Pró-COB. Em 1992 articulou-se o Centro de Cultura Libertária, com os esforços militantes da J.L. e do Núcleo, mas mantendo-se autônoma também em relação a estas organizações. Assim, no decorrer destes anos, estas organizações desenvolveram atividades específicas e sem um vínculo orgânico mais consistente, em nível de elaboração política estratégica e consequente.

Em 1995 começamos a travar contato com a FAU (Federação Anarquista Uruguaia), que estava iniciando a construção de parcerias com grupos ácratas brasileiros. Tivemos um período de discussões e maturação da proposta da FAU, assumindo, posteriormente o método especificista de organização anarquista, proposto pelos uruguaiaes. Al formamos a O.S.L., Organização Socialista Libertária, com a fusão dos três grupos: Núcleo Pró-COB, Juventude Libertária e Centro de Cultura

Os jardins jamais param de crescer

No dia 09 de setembro último, faleceu em Belém o companheiro Maxwel Ferreira, vítima de cinco tiros, assassinado em seu posto de trabalho, no aeroporto de Val-de-Cães onde era vigilante. Maxwel participou ativamente da construção do Núcleo Pró-COB em Belém, contribuindo decisivamente para a organização do anarquismo nesta cidade. Militou no movimento estudantil, através da Juventude Libertária, no Colégio Souza Franco. O período de sua militância no SOUFRAN é lembrado como o tempo em que a Colégio era protagonista das mobilizações e lutas, por uma educação que rompesse com as estruturas formais da democracia burguesa, protagonismo ligado umbilicalmente à atuação sempre enérgica do companheiro.

Aliás, de formal o Maxwel não tinha nada, sempre foi, além de notório anarquista, roqueiro militante, tendo circulado pela Praça da República e pelo teatro Waldemar Henrique nos bons tempos do rock em Belém. Produziu várias discussões e textos sobre a relação capital x trabalho e foi ardoroso crítico do sindicalismo oficial, contra o atrelamento das entidades trabalhistas ao Estado e aos patrões. Tinha a exata noção da importância do trabalho militante e contribuiu para impulsionar o Centro Comunitário do Caró, bairro onde morava.

Uma vez ele disse em uma carta: "Existem os que constroem e os que plantam. Os que plantam às vezes sofrem com tempestades, as estações e raramente descansam. Mas, ao contrário dos edifícios, o jardim jamais para de crescer. E, ao mesmo tempo que exige a atenção do jardineiro, permite que para ele a vida seja sempre uma aventura."

Por tudo isso, pela sua atitude de alegria e tesão com a vida, pela importância de seu trabalho como revolucionário no pouco tempo que viveu, pelos beijos que distribuía, pela responsabilidade que tinha com sua família e com seus companheiros, Maxwel faz falta. E é assim, como companhia indispensável e sempre presente, que vamos lembrá-lo e seguir adiante na luta que também era sua, combatendo os verdadeiros culpados por sua morte: os donos do capital e do poder, o preconceito e a violência produzidos por este sistema assassino de exploração do homem pelo homem.

Arriba Los que luchan!

